

FATTAL, Michel. *Image, mythe, logos et raison*. Paris: L'Harmattan, 2009.

Pedro Paulo A. FUNARI¹

Michel Fattal, da Sociedade Platônica Internacional, é professor na Universidade de Grenoble, França, autor de uma dezena de livros sobre o tema do *logos*, tanto na Filosofia grega, como na sua recepção medieval. Neste novo livro, propõe-se a refletir sobre as diferentes formas de racionalidade, entre a Antiguidade e a Idade Média, com estudos sobre Luciano de Samósata, Parmênides, Platão, Plotino e Santo Anselmo. O volume está dividido em duas partes, com a primeira dedicada à imagem e imaginário e a segunda ao mito e à fé, em todos os casos em suas interações com a razão. O livro congrega estudos apresentados na forma de conferência em diversos países, alguns deles publicados, em versões preliminares, em diversas línguas, apresentados agora revisados e como parte de uma reflexão unitária.

O primeiro capítulo, dedicado à imagem e ao imaginário, na figura de Heráclito que chora em Luciano de Samósata, havia sido publicado, em versão portuguesa preliminar, em livro publicado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, em tradução do Professor Glaydson José da Silva, hoje na Unifesp. Procura mostrar como o texto de Luciano escapava tanto do gênero histórico como filosófico, pois aspirava à imaginação. Por isso, Heráclito aparece como o pensador que chorava, pois tudo é luta, combate e tragédia. A imagem reaparece em Plotino, como produção do mundo, em uma concepção otimista do universo, caracterizado como belo, por opo-

1 Professor Titular do Departamento de História e Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

sição ao gnosticismo, com sua avaliação pessimista de um mundo dominado pelos *logoi spermatikoi* (razões seminais), prenhes de vida. Sustenta que a noção de imagem em Plotino apresenta um forte teor ontológico, ao ter papel capital na produção do mundo sensível. A imagem possui valor dinâmico e poético, à diferença daquela ineficaz e estática dos gnósticos. Fattal relaciona a espiritualidade da imagem em Plotino aos retratos do Fayoum, no Egito, uma representação da interioridade, conhecida pelo filósofo e que o deve ter influenciado.

O autor retorna, então, a alguns conceitos capitais em Platão: *mimesis*, *onoma*, *logos*. Em diversos passos, Platão sugere que o nome (*onoma*) é uma forma abreviada de uma frase (*logos*). Platão prioriza a coisa e a verdade, em relação à imagem e ao nome, em contraposição à sofística. No Crátilo, antes que o estudo linguístico, o filósofo grego busca a ontologia. Com isso, Fattal pode retornar a *mythos* (narrativa) e *logos* em Parmênides. O *logos* de Parmênides parece inaugurar a idéia de uma razão pessoal crítica, capaz de julgar uma refutação, a partir de critérios lógicos (*krinai logoi*). O conceito essencial, *krisis*, pode ser vertido como uma razão crítica. Para Fattal, é com Parmênides que se encontra a emergência do conceito de razão. O *logos* não é uma consequência de uma *krisis*, mas está na sua origem. De fato, *krisis*, um substantivo em *-sis* designa o resultado de uma ação, resultante, precisamente, da reflexão ou da razão. De certa forma, pode sustentar-se que o *diakrinein kata genos* do Sofista de Platão (253 e) é o herdeiro fiel dos *krinai logoi* de Parmênides. Graças a esse conceito, assim como à sua *gnome*, surgem as bases para uma reflexão sobre o método de divisão e reunião que será posteriormente elaborado e desenvolvido por Platão.

O último capítulo do volume talvez seja o mais polêmico, ao voltar-se para a fé, inteligência e razão e ao reunir Santo Anselmo e o Cardeal Ratzinger e lembrar que foi o Iluminismo a associar a fé ao erro e à conjectura sem inteligência. Inicia seu estudo do *Cur Deus homo* (Porque um Deus homem) pela passagem tomada de Isaias 7, 9, segundo a tradução de Santo Agostinho, a partir da Septuaginta: *nisi credideritis, non intelligetis* (se não acreditais, não entendereis). A tradução da Vulgata, contudo, *si non credideritis, non permanebitis* (se não acreditais, não permaneceréis) foi interpretada por oposição à grega. Fattal considera que Ratzinger e outros estão corretos, ao associarem intelecção e adesão como significados imanentes ao original hebraico (*amen*). Para o autor, Santo Anselmo contrapõe-se a Tomás de Aquino e não separa crer e saber. Ao contrário, a inteligência da fé (*intellectus fidei*) é um segundo conhecimento que pode ser considerado como uma meditação, como uma reflexão racional, sobre os dados da fé. Em outros termos, a inteligência propõe-se a reler e reconhecer interiormente aquilo que foi lido e dito no exterior, no Credo e nas Escrituras. A verdade serve de critério e de princípio regulador às razões que se movem no seio da

fé. A abordagem de Santo Anselmo vai da fé à fé pela inteligência. À diferença de Santo Agostinho, que propunha compreender para crer (*intelligere ut credas*), o arcebispo de Canterbury não separa crença e inteligência, pois ambas são fruto do desejo da fé. A *ratio* humana é concebida à imagem da *ratio* divina, lugar da manifestação do sentido. Esta faculdade superior tem por função repensar e reencontrar o sentido descoberto no ato de fé, por meio do amor.

No conjunto, o livro permite observar como os conceitos filosóficos, ancorados cada um em seu contexto histórico, são re-apropriados e recriados. O conceito central de racionalidade surge ligado à narrativa, à imagem e mesmo à fé e ao amor, em reiteradas reinterpretações. Esta obra da prestigiosa coleção *Ouverture Philosophique* contribui, de forma significativa, para uma melhor discussão da historicidade dos conceitos filosóficos. Em momentos específicos, fundam-se certas conceituações, assim como se delineiam antinomias e oposições. Este livro de Michel Fattal constitui uma leitura recomendada não apenas para os estudiosos da Filosofia, como para todos os que se interessam pelos contextos históricos e sociais associados aos conceitos mais recorrentes na tradição ocidental.

